

TEOLOGIA COMO RESISTÊNCIA NA PÓS-MODERNIDADE

*Adelino Francisco de Oliveira**

** O autor é Mestre em Ciências da Religião e professor de Introdução ao Pensamento Teológico e Antropologia Teológica na Faculdade Salesiana Dom Bosco de Piracicaba.*

Resumo:

De Oliveira apresenta a Teologia como um campo de resistência dentro do campo da pós-modernidade. Depois de apresentar os elementos centrais de teorias da pós-modernidade, busca compreender algumas delas compreendem o fenômeno religioso nos dias atuais. Dentro deste campo, de Oliveira busca, a partir do pensamento de Hans Küng, reservar um lugar crítico para a teologia que não se reduza aos elementos centrais da modernidade, mas que seja um campo aberto para a compreensão da experiência humana (pensamento complexo de E. Morin).

Palavras-chaves: *Teologia: pós-modernidade; Modernidade: religião.*

Abstract:

De Oliveira presents Theology as a realm of resistance in the field of the posmodernity issues. Alongside with the presentation of some of the central theories of posmodernity, he looks for a understanding of the religious phenomena in some of them. Having in mind some of Hans Küng's ideas about these subjects, he argues that Theology has a critic function and should not be just reduced to the central elements of the Modernist thought as such. In order to get this place, de Oliveira takes advantage of E. Morin's complex thought concept.

Key-words: *Theology: pormodernity; Modernity: religion*

NOTA INTRODUTÓRIA

O presente texto *Teologia como resistência na Pós-Modernidade* vislumbra refletir sobre a pertinência e o lugar do discurso teológico no período designado como Pós-Modernidade.¹

Consoante tal proposta, a reflexão em tela tem como referências basilares as contribuições do cientista da religião José J. Queiroz, a dissertar sobre as religiões na Pós-Modernidade; as articulações teológicas desenvolvidas pelo teólogo Hans Küng, na obra *Teología para la posmodernidad: fundamentación ecumênica*,² bem como a categoria resistência que se desdobra da obra de Enrique Dussel.³

De fato, ancorado no pensamento de Hans Küng e de Enrique Dussel, o texto que ora apresentamos consubstancia-se como uma análise aproximativa às questões atinentes à Pós-Modernidade, tendo o discurso teológico como clave interpretativa e viés de resistência na contemporaneidade.

1. OBSERVAÇÕES SOBRE O CONTEMPORÂNEO

O contemporâneo, designado de Pós-Modernidade, desvela-se como um tempo enleado em paradoxos, incertezas e contradições, a se projetarem em todos os campos da dinâmica social.

Neste ponto, a própria noção em torno de um período Pós-Moderno já carrega dissenso. De fato, apenas a título de nota, e desprendidos de um olhar mais rigoroso, identificamos três posicionamentos divergentes sobre a Pós-Modernidade: situamos, primeiramente, a corrente que nega, em absoluto, a Pós-Modernidade; em seguida, nos deparamos com a vertente que afirma o Pós-Moderno e, finalmente, em uma posição intermediária, identificamos posicionamentos que compreendem a Pós-Modernidade como um período heurístico, aberto e ainda em processo de construção.⁴

Não obstante este profícuo debate – sobre o qual nos identificamos, cabe frisar desde logo, com o terceiro posicionamento –, torna-se relevante apresentarmos, em linhas gerais, alguns elementos mais característicos e consubstanciadores do período contemporâneo. Neste caso, nos ateremos, de maneira mais delimitada, ao campo da religião, buscando em nossas considerações referenciais para pensarmos o lugar do discurso teológico. Cabe ressaltar, não obstante, que ao circunscrevermos nossa abordagem ao campo religioso, não indica que estamos assumindo uma perspectiva que desconsidera a intrínseca relação existente entre todas as dimensões da vida – social, religiosa, política, econômica, cultural etc. De fato, ao definirmos a dinâmica religiosa como foco central de nossas análises, temos como

¹ Comunicação no Congresso *Soter, Religião e Transformação Social* no Brasil hoje, realizado nos dias 10 a 13 de julho de 2006, em Belo Horizonte, MG.

² KÜNG, H., *Teología para la posmodernidad: fundamentación ecumênica*. Madrid, Alianza, 1991.

³ DUSSEL, E. D. *Caminhos de libertação Latino-americana*. São Paulo, Paulinas, 1984, 4 vols.

⁴ Cf. J. J. QUEIROZ, *Deus e crenças religiosas no discurso filosófico Pós-Moderno. Linguagem e religião*. REVER – Revista de Estudos da Religião, nº 2, 2006.

⁵ Cf. E. MORIN, *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre, Sulina, 2005.

⁶ Tal afirmação não desconsidera, de forma alguma, as análises do pensador Karl Marx sobre a relação entre Infra-estrutura e Supra-estrutura. Tal discussão, é desenvolvida pelo cientista da religião José J. Queiroz, quando este propõe uma aproximação sociológica à Pós-Modernidade. Cf. QUEIROZ, J. J. *As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade*. In QUEIROZ, J. J. (Ed.), *Interfaces do Sagrado em Véspera de Milênio*. São Paulo, Olho D'água, 1996.

⁷ O discurso apocalíptico tem ressurgido, de maneira inflama- da, nos movimentos de inspira- ção pentecostal e neopenteco- stal, a despontarem especial- mente no universo das igrejas cristãs.

⁸ Cf. DELUMEAU, J., *Mil anos de felicidade: uma história do Paraíso*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

⁹ O pesquisador Queiroz, articu- la a sugestiva expressão *Conste- lação do Sagrado*. Cf. QUEIROZ, J. J. *As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-moderni- dade*, op. cit.

¹⁰ Penso que se descortina aqui uma abordagem com grandes possibilidades interpretativas. No entanto, ao menos neste momento, não temos condições de levá-la adiante. Então, ape- nas acenamos para o tema. Cf. P. ANDERSON. *Balanço do neo- liberalismo*. In SADER, E. – GENTILI, Pablo (Eds.), *Pós-neo- liberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996, pp. 9-23.

horizonte referencial a perspectiva da complexidade,⁵ a definir a realidade da vida e a nos ensinar que tudo está entrelaçado, compondo um tecido articulado. Neste caso, vislumbramos a dimensão religiosa, a se desvelar como fundamental e basilar para uma compreensão profunda do momento histórico que estamos inseridos.⁶

Neste sentido, deparamo-nos com a proliferação dos discursos religiosos, com forte viés apocalíptico.⁷ O tema do combate entre o bem e o mal, aos moldes milenarista – ressaltando a emi- nente derrota do mal e anunciando o fim dos tempos –, parece ditar o tom inflamado dos discursos religiosos.⁸ O reencantamen- to do mundo, atribuindo os males e sofrimentos da existência à ação de uma entidade diabólica, responsável por todo pecado, acaba por reafirmar a fé em milagres como última possibilidade para o ser humano. Nesta perspectiva, desponta a imagem do fiel combatente – como um autêntico cruzado –, pronto a exor- cizar e expurgar o próprio Diabo, causador de todo pecado e da conseqüente ruína e miséria que envolvem o ser humano.

As sociedades pós-modernas, sob a égide de um novo en- cantamento, no qual a existência individual e as relações sociais passam a ser marcadas por um sentido mágico-religioso, aca- bam por delinear um espaço privilegiado para a religião, pro- movendo um movimento de dessecularização. Neste caso, há uma busca frenética pela Graça, pelo milagre, pela intervenção do Sobrenatural, como se esta realidade fosse a única capaz de trazer respostas aos dramas humanos. Assim, o mundo torna-se povoado de espíritos, e os indivíduos almejam uma experiência mística. Despontam, então, os mais diversos movimentos de cunho espiritualistas, todos portadores de verdades capazes de elevar o humano. Torna-se evidente o fenômeno da explosão do sagrado,⁹ no qual o debate religioso desfruta de elevado prestí- gio, alcançando espaço na grande mídia, incidindo, assim, no cotidiano social. De fato, em um simples e rápido giro por uma grande metrópole, como a cidade de São Paulo, torna-se per- ceptível, até para o observador menos atento, a grande relevân- cia que se atribui à religião.

Neste ambiente, a religião acaba por assumir elementos da dinâmica do mercado globalizado, evidenciando-se como reflexo supra-estrutural da infra-estrutura, que se compõe na lógica do capitalismo neoliberal.¹⁰ Assim, todo produto, quando asso- ciado a algum símbolo ou sinal religioso, acaba por alcançar maior vendagem. Aliás, a própria religião tornou-se um grande negócio, com possibilidades significativas de alta lucratividade. Desdobra-se de tal lógica a disputa acirrada por fiéis – compre- endidos como consumidores –, na qual cada religião procure apre- sentar um discurso mais persuasivo, demonstrando que detém

o privilégio da intimidade com o Divino. Os fiéis, por sua vez, apresentam-se como dispostos a trocarem prontamente de religião – refletindo a maneira com que trocam e descartam produtos em seus cotidianos? –, desde que lhes ofereça melhores perspectivas de salvação imediata.¹¹

Toda essa perspectiva de exaltação e relevância de uma religiosidade intensamente espiritualizada, que marca o contemporâneo, coloca em suspenso a dimensão da racionalidade que alcançou seu auge no movimento iluminista. Ora, o Iluminismo pleiteou a possibilidade de superação da própria religião, enfatizando a razão a compor e definir a compreensão de mundo e de realidade, erigindo um mundo livre e secularizado. Contrariando os postulados iluministas, na Pós-Modernidade observa-se que as religiões sedimentadas em estruturas mais burocratizadas e institucionalizadas, típicas de posturas religiosas com viés mais racional, com elaboradas concepções filosófico-teológicas, enfrentam um esvaziamento em seu quadro de fiéis, delineando um momento de evidente crise.

Há que se considerar, ainda, na composição dos elementos que caracterizam o campo da religião na Pós-Modernidade, a tendência ao relativismo religioso. Neste caso, há a difusão de um profundo sentimento de que todos os caminhos conduzem ao bem maior, sendo, então, todas as religiões portadoras de mensagens verdadeiras e válidas, aptas, portanto, a elevar os indivíduos, possibilitando paz interior. Da concepção relativista descortina-se, de fato, a perspectiva do individualismo, na medida em que se entende que cada indivíduo deve dar conta de suas questões religiosas. Ressaltando que o importante é o indivíduo estar bem consigo mesmo, perdendo-se, assim, a perspectiva dos vínculos comunitários. O relativismo e o individualismo instauram uma nova prática religiosa, na qual a relação ocorre de maneira vertical – o indivíduo em relação direta com o Divino –, prescindindo da perspectiva da instituição e da alteridade.

Em direta oposição à postura relativista, na Pós-Modernidade, despontam tendências do fundamentalismo religioso, conflagrando um ambiente de intolerância e aberto conflito. Porém, as vertentes fundamentalistas – torna-se importante frisar – não se restringem a uma religião em específico. De fato, os discursos e as ações de caráter fundamentalistas têm alcançado acolhida e amparo nas mais diversas tradições religiosas. A exacerbação das concepções fundamentalistas conduz, inevitavelmente, ao fanatismo religioso, que, temerariamente, tem alcançado significativo espaço na contemporaneidade, delineando um clima de violência declarada.

Compondo estas breves observações sobre o viés da religião no contemporâneo, não podemos nos esquivar em abordar a

¹¹ Cabe frisar que a categoria Salvação assume, na Pós-Modernidade, um sentido e conteúdo muito mais prático e instrumental do que escatológico. Daí o sentido de apresentarmos o termo Salvação adjetivado: salvação imediata.

questão do niilismo. Ao negar todas as perspectivas valorativas, decretando a total ausência de referências de conteúdo ético-religioso, a postura niilista insere-se nos discursos pós-modernos, reivindicando seu espaço. Neste ponto, o próprio filósofo Nietzsche, resgatado como o arauto da Pós-Modernidade, entende que ao niilista *falta a meta; falta a resposta ao porquê?*¹² A negar as possibilidades tanto da religião como da razão, a delinear o caminho das sociedades e do humano, o niilismo aponta para o vazio e para o nada.¹³

¹² Cf. F. NIETZSCHE, *Fragmentos Finais*. Brasília/São Paulo, Universidade de Brasília/Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 54; Para uma aproximação à filosofia de Nietzsche, especialmente aos temas abordados pelo personagem nietzscheano Zaratustra, Pierre HÉBER-SUFFRIN, (*O "Zaratustra" de Nietzsche*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003).

¹³ O tema do niilismo esta presente no pensamento do filósofo contemporâneo Gianni Vattimo. Cf. S. C. D. SCOPINHO, *Filosofia e sociedade Pós-Moderna: crítica filosófica de G. Vattimo ao pensamento moderno*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.

¹⁴ Cf. KUNG, Hans. *Teologia para la Posmodernidad*, op. cit.

2. CONJECTURAS TEOLÓGICAS

Paradoxos, contradições e incertezas conformam o campo movediço no qual se inserem os dilemas da religião na Pós-Modernidade. Consoante tais observações, torna-se imprescindível indagar sobre o lugar e a pertinência da reflexão teológica a lançar perspectivas e contribuir com a superação da perplexidade. Com este intuito, torna-se fundamental retomarmos a posição assumida pelo teólogo Hans Küng acerca da Pós-Modernidade. O teólogo em alusão, em sua obra *Teologia para la posmodernidad*,¹⁴ considera a Pós-Modernidade como a configuração de um tempo de heurística, de redefinições paradigmáticas. Neste caso, Hans Küng define que a *Pós-modernidade não é uma espécie de palavra mágica que explica tudo, nem uma palavra chocante e polêmica, e tampouco um mero título, e sim um termo heurístico, isto é, um termo 'de busca', característica de uma época, a qual – apesar de todas as relações tanto de direita como de esquerda – se está abrindo caminho faz décadas, se bem que só agora é que se manifesta na consciência geral das massas*.¹⁵

Para Hans Küng, a modernidade encontra-se em crise, na medida em que seus pressupostos – a racionalidade e a ilustração, a ciência e a técnica, o nacionalismo e o imperialismo, o domínio do homem sobre si mesmo e sobre o mundo, com o conseqüente abandono da natureza e de Deus – já não são mais capazes de delinear e definirem o cotidiano do ser humano no contemporâneo. No entanto, apesar da crise a definir o arcabouço do paradigma da modernidade, ainda segundo o teólogo, isso não significa que a modernidade acabou totalmente. Na atualidade, o velho capitalismo persiste como modo de produção hegemônico – apenas em uma roupagem neoliberal. Apesar da permanência do capitalismo, o paradigma da modernidade se encontra em processo de mudança; as sociedades, de maneira geral, encontram-se em trânsito, em processo de busca identitária. Portanto, o prefixo pós, do termo Pós-Modernidade,

¹⁵ Idem, p. 16.

não significa definitivamente um após. A Pós-Modernidade, nesta perspectiva, caracteriza-se como um período aberto e em construção. Neste caso, o teólogo Hans Küng vislumbra que a Pós-Modernidade deve surgir como um reconstruir e superar a modernidade em um tríplice movimento dialético:

*tem que conservar a força crítica da ilustração frente a toda classe de acomodações sociais e acobertamentos intelectuais; tem que negar o reducionismo da modernidade com respeito aos estratos espirituais e religiosos profundos da realidade, e também tem que negar na modernidade a superstição da razão, da ciência e do progresso, assim como todas as forças destruidoras a quem tem dado lugar no curso da história (nacionalismo, colonialismo, imperialismo); e tem que transcender, por fim, e superar a modernidade, assumindo-a em um paradigma de pós-modernidade no qual todas as dimensões relegadas e reprimidas, particularmente a da religião, encontrem uma nova eficácia libertadora e enriquecedora.*¹⁶

¹⁶ Idem, p. 21.

Nesta perspectiva, o discurso teológico na Pós-Modernidade deve respaldar-se no rigor da crítica ponderada e racional – distanciando-se, no entanto, de um racionalismo reducionista – e despontar, em um movimento de superação dialética, como um discurso aberto à todas as dimensões da vida. Neste caso, a reflexão teológica desvelar-se-ia como desdobramento de uma compreensão complexa da realidade.

De fato, compreendemos que os paradigmas da Pós-Modernidade devem ser portadores de uma ampla convergência para fins comuns, sem abrir mão, não obstante, de preservar e valorizar a diversidade e a pluralidade,¹⁷ a comporem horizontes inclusive à reflexão teológica. Neste caso, a produção teológica na Pós-Modernidade deve promover um rompimento com todo tipo de intolerância, seja ela de cunho religioso, político, étnico, cultura etc. E, a partir de uma perspectiva ecumênica, construir perspectivas capazes de suscitar posturas que possibilitem criar condições para o surgimento de uma sociedade onde caibam todos. Alicerçando-se em tal discernimento, compreendemos que o discurso teológico poderá apontar caminhos referenciais que conduzam à superação de realidades fragmentadas, instrumentalizadas e niilistas, despontando o devir de uma nova era, erigida no cotidiano de indivíduos íntegros e sensíveis à complexidade sócio-cultural-religiosa.

¹⁷ Cf. KÜNG, H., *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Campinas, Verus, 2004.

No bojo desta discussão, é que nos aproximamos de uma temática singular e genuína a nortear e embasar a reflexão teológica no contexto latino-americano – a perspectiva da resistência. Cabe advertirmos, não obstante, que o conceito de resistência não deve ser compreendido, neste momento, como rejeição

ao pós-moderno. Se assim o empregarmos, estaremos assumindo um posicionamento fechado e conservador, alheio às ponderações elaboradas pelo teólogo Hans Küng, a quais compreendemos como interessantes e promissoras.

A temática da resistência, como perspectiva a ancorar a reflexão teológica, ganha profundo significado, especialmente nas articulações histórico-filosóficas de Enrique Dussel. Neste caso, o discurso teológico consubstancia-se como resistência, quando imbuído da compreensão dusselniana de que teologia *significa um pensar sobre Deus, mas um Deus que se revela na história*.¹⁸ Assim, o momento histórico designado de Pós-Modernidade, abre espaço, segundo as considerações de Hans Küng – como bem vimos –, para novas articulações histórico-teológicas. O discurso teológico pode configurar-se como resistência à instrumentalização da fé; resistência à redução das relações humanas a um individualismo narcísico, resistência, ainda, a uma mentalidade não ecológica e, finalmente, resistência ao próprio niilismo. Neste caso, a reflexão teológica deve assumir, na Pós-Modernidade, a imprescindível tarefa de apontar fontes referenciais, em vistas a uma libertação sócio-histórica.– a própria palavra de Deus revelada na tradição bíblica desvela-se como fonte primeira e inesgotável –, a embasarem as complexas relações no contemporâneo.

A categoria resistência, própria dos postulados dusselnianos, deve ser compreendida em uma perspectiva ampla e engajada. Neste caso, o discurso teológico passa a articular-se com as posições dos diversos movimentos sociais – ecológico, gênero, étnico, cultural etc. Assim, a perspectiva da resistência descortina-se como um contundente posicionamento político, a situar o lugar da reflexão teológica como apologia a tudo que se coloca como humano e natural – Criação Divina.

¹⁸ Cf. DUSSEL, E. D. *Caminhos de libertação Latino-americana: Interpretação histórico-teológica*. São Paulo, Paulinas, 1984, vol. 1, p. 14.